

# HISTÓRIA DO EXERCÍCIO DA ODONTOLOGIA EM PORTUGAL

Ivo Álvares Furtado\*

\*Médico Estomatologista no Centro Hospitalar de Lisboa-Norte/Hospital de Santa Maria – Lisboa. Doutor em Medicina. Professor Auxiliar da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

A prática odontológica em Portugal, desde sempre foi e ainda hoje é exercida por classes profissionais distintas, que no seu percurso histórico procuraram obter uma valorização profissional, a sustentabilidade económica, a evolução científica e o reconhecimento social. Até ao século XIX, a Odontologia foi praticada preferencialmente por *arrancadores de dentes*, barbeiros, cirurgiões e dentistas. Houve espaço para *artistas ambulantes percorrerem constantemente a província e ainda outros curiosos nacionais fazerem das suas*<sup>1</sup>. Desde a época da fundação da nacionalidade (século XII) que se conhece a figura do *artista ambulante, dentista, ignorante e charlatão (sacamuelas)*, actuando numa qualquer praça do país<sup>2</sup>. O arrancador de dentes *tinha que ser forte, impiedoso, impassível e rápido*<sup>3</sup>. Era o tempo em que os *Cirurgiões e a maior parte dos Barbeiros e Cirurgiões Estrangeiros Ambulantes, às suas Especialidades de Oftalmologistas ou Urologistas ajuntavam a extracção de dentes e algumas outras operações da boca*<sup>4</sup>. Até à criação da Especialidade de Estomatologia (em 1911), eram raros os médicos que se dedicavam à prática da odontologia, alegadamente *porque as suas mãos podiam ficar pesadas e sem condições para intervenções delicadas*<sup>5</sup>. A hierarquia científica e social das classes profissionais ligadas à saúde em Portugal, até ao século XVIII detinha no topo o médico e por ordem decrescente de reconhecimento público, o algebrista, o sangrador, as parteiras, o arrancador de dentes e os cirurgiões herniários<sup>5</sup>.

A evolução do conhecimento dos profissionais que exerceram a odontologia em Portugal, desde a fundação da Nacionalidade, passou por um período de três séculos (XII, XIII e XIV) de exercício da “arte dentária”, em que os mais hábeis deveriam efectuar a remoção dos dentes e deveriam ser denominados Dentistas, de acordo com a corrente do conhecimento oriundo de França (Guy de Chauliac - Avignon – 1363), onde pela primeira vez se utilizou o termo Dentista<sup>6</sup>. No século XIII, Pedro Hispano, médico e primeiro papa português, escreveu o *Thesaurus Pauperum*, em que inclui interessantes prescrições para a dor de dentes e das gengivas: *Ponha-se semente de meimendo sobre as cinzas e receba-se o fumo por um funil; mata o verme que está no dente e acalma a dor. Unte-se o dente com medula de cavalo; é certo que cura. Deitar na narina contrária suco de chicória; tira a dor do lado oposto. Chifre de veado, queimado até*

*ficar branco, limpa energicamente os dentes, restringe as gengivas e acalma a dor. Se se encher a cavidade do dente com excrementos de corvo, rebenta o dente e tira a dor*<sup>7</sup>.

No século XV houve uma mudança de paradigma, com o início da procura de uma base científica, ancorada na publicação do *Philonium*, por Valescus de Taranta, que constituiu o primeiro tratado de Anatomia Dentária publicado em Portugal<sup>8</sup>. Este profissional de odontologia foi introdutor dos primeiros conhecimentos de Dentisteria Operatória, indicando as principais *operações a realizar nos dentes cariados: Chirurgici jubent ipsum limare et sculpere (encher as cavidades dos dentes cariados depois de as limpar com cera e cânfora que têm grandes virtudes profiláticas contra a putrefacção local e geral)*<sup>8</sup>. À data os procedimentos eram realizados com uma rudimentar broca manual. Apareceram simultaneamente os primeiros materiais de restauração dentária, que constam nos escritos de Tomás Rodrigues da Veiga (Professor Magnus Thomaz): *Se preencha a cavidade do dente com folhas de ouro ou com goma ou resina de aroeiro*<sup>9</sup>. Surgiram inovadores conceitos de anatomia funcional baseada em *relatos de pessoas que rangem os dentes dormindo*<sup>9</sup> e de relação, nomeadamente *entre os dentes, os olhos e o cérebro*<sup>8</sup>. Preconizaram-se “enérgicos tratamentos” para a demora na eclosão dos dentes das crianças, recomendando-se *que se fortifiquem dando-lhes suco de carne ou carne com tutano e que as mãis friccionem demoradamente as gengivas dos filhos untando-as com manteiga*<sup>8</sup>.

Os séculos, XVI, XVII e XVIII foram marcados pelo desenvolvimento da Cirurgia em Portugal, para o que foi determinante a construção do Hospital Real de Todos os Santos, em Lisboa. O conhecimento científico proveniente da Europa era traduzido por autores portugueses e entre as obras completas traduzidas foram relevantes, o *Tratado das Operações de Cirurgia*<sup>9</sup> com um importante capítulo sobre a *Cirurgia do Beiço da Lebre*, de Jacob da Costa Sarmiento (1746); a *Cirurgia Anatómica Completa*<sup>9</sup>, de João Vigier (1768), com indicações de técnicas cirúrgicas para *a operação ao lábio leporino ou do beiço superior rachado e a operação ao freyo da língua*. Houve também publicações de autores nacionais, como o tratado de Manoel Leitão (1604), intitulado *Práctica dos Barbeiros*<sup>10</sup> e o tratado de Manoel Lopes (1760), *Analysis de Algebra - Luxação do maxilar inferior. Caso clínico*<sup>10</sup>. Os casos clínicos constituíram importante material de estudo e objecto de publicações internacionais por autores portugueses, como o célebre caso de *Maria de Monsaraz, 18 anos, tão baixa que parecia ter apenas 8, nascera sem língua, tinha uma úvula maior que o normal, os dentes inferiores mal conformados, alguns implantados muito mais atrás dos alvéolos; desde os 5 anos falava perfeitamente, acentuando muito os RR, tinha paladar, segregava saliva, mastigava e engolia bem os alimentos*. Este caso foi publicado em 1711, em Amsterdam, no *Apiarium Médico-Chymicum, Chyrurgicum & Pharmaceuticum*<sup>11</sup>. Foi um período de aperfeiçoamento dos forceps de exodontia (extracção dentária), desde o pelicano (concebido no final do século XV e cuja acção era baseada no princípio de alavanca, causando efeitos colaterais indesejáveis, que iam desde a remoção de dentes contíguos, fracturas ósseas e laceração de tecidos moles adjacentes), à chave de Garengoot, utilizada a partir do século XVIII e concebida a partir da chave inglesa, até aos forceps

mais recentes que nos fazem lembrar os que precederam os instrumentos da actualidade. Os equipamentos de dentisteria evoluíram, com o aparecimento do sistema de propulsão através da alavanca movida a pedal. Começou a procura da etiopatogenia das doenças orais e nomeadamente da cárie dentária e o Cirurgião João Lopes Correa, em 1723 *recomendava abstinência de doces e outros alimentos que possam atacar o esmalte. Indicava o uso de purgantes para que se evitasse a formação de humores maus no estômago*<sup>10</sup>. Houve uma preocupação com a terminologia e em 1738, o Cirurgião Feliciano de Almeida utilizou pela 1ª vez os termos *Odontalgia* e *Epúlida*<sup>10</sup>, no seu livro *Cirurgia Reformada*, tratando as epúlides *atando-as com seda de cavalo, até que caia*. Para a evolução da Odontologia em Portugal, muito contribuíram os Dentistas diplomados estrangeiros, que se estabeleceram em Portugal e trouxeram conhecimentos inovadores. De entre eles, em 1735, Pedro Gay, dentista francês estabelecido no Beco do Carvalho aos Remolares, *prometia arrancar um dente duma boca e pô-la noutra, de modo que ao cabo de quinze dias estava tão firme como se houvesse nascido nela*<sup>9</sup>. Assim teria sido o pioneiro da transplantação dentária em Portugal; em 1741, João António Dufour, Dentista Clínico do Rei da Sardenha, estabelecido na Rua Direita da Esperança, *além dos vulgares trabalhos de Dentista segurava os dentes abalados com um fio subtilíssimo de ouro*<sup>10</sup>. Seria deste modo o introdutor da técnica de ferulização em casos de doença periodontal com perda de suporte dentário e mobilidade; o fio de ouro poderia também servir de suporte aos dentes naturais perdidos, aos quais se removia a porção apical, mantendo-os na arcada, fixos aos dentes contíguos. Em 1739, estabeleceu-se em Lisboa (Chiado) junto à Botica da Cordoaria Velha, João Bautista Grimaldi Francelino, Dentista da Corte de Viena, que trouxe relevantes conhecimentos de ortodontia porquanto *endireitava os dentes tortos das crianças e separava os que estavam muito unidos*<sup>1</sup>. Ainda no século XVIII, foi regulamentado o exercício da profissão de Dentista em Portugal e em 17 de Julho de 1762 foi criada a Real Junta do Proto-Medicato e foi definida a emissão de *Cartas de licenciamento das pessoas que tiram dentes*<sup>3</sup> e licenciado o primeiro dentista português, António Pires Ferreira, contemporâneo de um outro que foi para o Brasil, onde ficou conhecido pela alcunha de *tiradentes*, porque *de graça fazia esta operação*<sup>10</sup> tendo ficado célebre por ter sido figura central da revolta brasileira de 1792. Em 23 de Maio de 1800 foi criado *o plano de exames para Dentista*<sup>3</sup>. O século XIX sendo o “século das luzes” na Europa, foi igualmente um século determinante de grandes modificações estruturais no ensino da cirurgia em Portugal. Em 1825 foi criada a Real Escola de Cirurgia sedeada no Hospital de S. José, em Lisboa. A evolução do nível científico dos cirurgiões e a reconhecida necessidade de aquisição de um conhecimento mais abrangente e convergente com o ensino médico, levou à criação das Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e Porto, em 1836. O primeiro Cirurgião Dentista que foi oficialmente exerceu funções no hospital militar do Beato, foi José Militão Antunes, nomeado a 15 de Junho de 1820<sup>1</sup>. Mais tarde exerceram na mesma instituição os primeiros médicos cirurgiões dedicados à cirurgia dentária no exército: António Gomes do Vale, José António Marques e Paulo Pereira e Horta, entre outros<sup>7</sup>. A relevância do conhecimento abrangente que incluísse a área oro-maxilo-facial era defendida em 1868 por Andrieu em Paris introduzindo o

termo *Estomatologia* para designar a *área do Conhecimento Médico que inclui a Odontologia, a Medicina e a Cirurgia de todo o aparelho estomatognático do qual fazem parte as estruturas anatómicas orais e maxilo-faciais* <sup>13</sup>. No século XIX exerceram odontologia em Lisboa a denominada “dinastia Vitry”: Adolfo Dumareil de Vitry, chegado a Lisboa em 1835, com consultório na Rua dos Retroseiros, 120- 1º, vinha *apetrechado com conhecimentos técnicos de valor, endireitava os dentes tortos e embelezava os direitos* <sup>1</sup>, Vitry Júnior estabeleceu-se em 1841 na Rua do Ouro 14 e teve como “clientes”, a Duquesa de Bragança, D. Maria II, D. Fernando e os filhos. Os Vitry editaram: em 1840 – Observações sobre os dentes, em 1843 – Manual do Cirurgião Dentista ao alcance de todas as classes da Sociedade e em 1847 – Propagação da Medicina Dental, instruções a quem desejar evitar operações dolorosas e conselhos às pessoas que tiverem a desgraça de perder os dentes <sup>1</sup>. O dentista Espanhol Filipe de Pellon (de Bilbao), veio exercer para Lisboa em 1850, na Rua do Alecrim, 22 – 3º, *punha dentes ou dentaduras completas sem empregar marfim, cavalo marinho, dentes de hipopótamo ou qualquer outra substância susceptível de putrefacção* <sup>1</sup>. Admite-se que tenha trazido para Portugal a utilização de dentes em cerâmica para reabilitação oral. Em 1850 houve a primeira oferta de ensino odontológico privado em Portugal, pelo Professor Dentista João Henrique Schmidli (Suíço), que se estabeleceu na Rua do Arsenal 7 – 1º. *Ensinava a sua arte por duzentos mil réis* e aconselhava os futuros discípulos a espalharem-se pela província <sup>1</sup>.

Apesar de todo o progresso verificado, chegada à antecâmara do Século XX, em 1895, o insigne professor da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa Doutor Sousa Martins, dava o seu testemunho dizendo a propósito do panorama da qualidade do exercício da odontologia em Portugal: *À parte dos médicos que se dedicam a esta Especialidade (Estomatologia) e os raros Dentistas que aprenderam em Escolas Estrangeiras, não há em Portugal profissionais à altura das graves responsabilidades que o seu diploma lhes impõe* <sup>14</sup>.

O século XX revelou-se como sendo um século de oportunidades perdidas e ganhos incontestáveis... de encontros e de desencontros... mas do desejado e efectivo progresso na Estomatologia e na Medicina Dentária!

No início do século exerceram a odontologia insignes dentistas como Clarimundo Emílio (Dentista licenciado em Baltimore) e Simões Bayão (Cirurgião Dentista diplomado em Paris).

Amor de Melo, Thiago Marques e Ferreira da Costa, diplomados pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, regressaram após formação pós-graduada em Baltimore (o primeiro) e em Paris (os dois últimos). Foram os fundadores dos primeiros Serviços de Estomatologia nos hospitais, Escolar de Santa Marta (1906, por Thiago Marques) e Hospital de S. José (1909, por Amor de Melo), a que se seguiu o Serviço de Estomatologia do Hospital de Santo António, no Porto (1913, por Jerónimo Moreira). Estes e outros médicos dedicados à “causa da Estomatologia”, como Pereira Varela e

António Bomfim foram os grandes promotores da criação da Especialidade de Estomatologia, consignada em Lei pelo Artigo 2º do Decreto da Direcção Geral da Instrução Secundária, Superior e Especial, de 25 de Maio de 1911 e publicado em Diário do Governo nº 122 de 26 de Maio de 1911.

Em 1911, a Constituição Universitária de 22 de Abril formalizou a criação das Faculdades de Medicina das Universidades de Lisboa e do Porto, a partir das respectivas Escolas Médico-Cirúrgicas, elevando assim o nível científico e académico e equiparando-as à Universidade de Coimbra. Com este novo instrumento, os Estomatologistas obtiveram ânimo acrescido e impulsionaram maior dinamismo visando as suas realizações. Em 1919 criaram a Sociedade Portuguesa de Estomatologia, uma das primeiras sociedades científicas nacionais e pugnaram por um ensino escolarizado nas Faculdades de Medicina que foi criado pelo Decreto-Lei 14180 de 11 de Agosto de 1927, com a tomada de posse dos professores em 2 de Outubro de 1927 <sup>15</sup>. As esperanças foram imediatamente goradas pela suspensão decorrente da revolução do Estado Novo, a que seguiram quatro décadas de atraso, não obstante as tentativas de sensibilização do Governo por ilustres Estomatologistas como Paiva Boléu, Palma Leal e Bação Leal .

Em 1952, com a construção do grandioso Hospital Escolar de Santa Maria em Lisboa, houve renovada esperança na criação do Ensino Escolarizado da Estomatologia; constituiu efectivamente um valioso contributo para a formação do núcleo de Especialistas de Estomatologia que intervieram activamente na génese do ensino escolarizado oro-maxilo-facial, através da promoção regular de reuniões que perduraram até aos dias de hoje.

Em 1965 fala-se na “Reforma do Ensino da Estomatologia” <sup>7</sup> e chega-se a 1974 sem qualquer avanço.

Em 1975, o Decreto-Lei nº 282/75 de 6 de Junho cria finalmente a Escola Superior de Medicina Dentária de Lisboa e estabelece-se um programa de formação para os Odontologistas (designação utilizada para os profissionais sem formação universitária ou específica e a extinguir). Seguiu-se a criação diferida no tempo, da Escola Superior de Medicina Dentária do Porto (1976), dos Institutos Superiores de Ciências Dentárias de Lisboa e do Porto (1984), da Licenciatura em Medicina Dentária da Faculdade de Medicina de Coimbra (1986), da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade Fernando Pessoa - Porto (1990) e do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa – Viseu (2004).

Do quadro de Estomatologistas do Serviço de Estomatologia do Hospital de Santa Maria saíram a maioria dos professores da Escola Superior de Medicina Dentária de Lisboa (em 1976) e integraram o corpo docente do Instituto Superior de Ciências Dentárias de Lisboa (em 1987).

Hoje vivemos um tempo de aferição prática das Competências Profissionais Adquiridas. Faz e é responsável pelos actos clínicos que pratica, nomeadamente odontológicos, quem melhor sabe e adquiriu competências para fazê-lo, devendo ter actualização permanentemente. É o tempo da actividade clínica concertada e multidisciplinar. A cada dia mais exigente e diferenciada!

As Escolas de Medicina Dentária foram entretanto integradas nas respectivas Universidades e formaram um número de profissionais clínicos de Saúde Oral de elevado nível em número bastante para a cobertura das necessidades do país.

Aos Serviços de Estomatologia cabe hoje a prestação de cuidados diferenciados no âmbito médico e cirúrgico.

Outros profissionais integram hoje a Equipa de Saúde Oral em Portugal: o Higienista Oral, a Assistente Dentária e o Técnico Superior de Prótese Dentária.

Existe desde 1986 um Programa Nacional de Promoção da Saúde Oral.

A próxima etapa é a da concretização da acessibilidade aos cuidados de saúde oral, a ter em conta nas opções de gestão dos recursos de saúde disponibilizados, para que possamos contar a evolução histórica das realizações de Saúde Oral em Portugal.

A todos e a cada um de nós cabe participar num compromisso global de promoção da Saúde oral dos Portugueses!

### **Referências:**

1 – Carvalho AS. História da Estomatologia. Dentes, Dentistas e Odontólogos. 1938. *Rev Port de Est*, nº 12, 45:56.

2 – Dicionário de Espanhol *online*.

Michaelis.uol.com.br/escolar/espanhol/definicao/.../sacamuellas\_13645.html

Acesso em 27/05/2013.

3 – História da Odontologia. Elias Rosenthal, *CD. Jornal APCD*. Out. 1995.

4 – Carvalho AS. História da Estomatologia. Dentes, Dentistas e Odontólogos. 1935. *Rev Port de Est*, nº 3. 135 -148.

5 – Carvalho AS. História da Estomatologia. Dentes, Dentistas e Odontólogos. 1935. *Rev Port de Est*, nº 4. 189 -200.

6 – *Guy de Chauliac`s Surgery*, Avignon, 1460.

7 – Silva N. Um Século de Projectos de Ensino Odontológico. *Rev Port Est Cir Maxilofac*. Vol XXVII. 1984. 1021-1042. In *Thesaurus Pauperum*, cap. XI. 1476.

8 – Carvalho AS. História da Estomatologia. Dentes, Dentistas e Odontólogos. 1934. *Rev Port de Est*, nº 1, 5:9.

- 9 – Carvalho AS. História da Estomatologia. Dentes, Dentistas e Odontólogos. 1934. *Rev Port de Est*, nº 2, 63:68.
- 10 – Carvalho AS. História da Estomatologia. Dentes Dentistas e Odontólogos. 1936. *Rev Port de Est* , nº 6: 289- 301.
- 11 – Francisco da Fonseca Henriques. *Apiarium Médico-Chymicum, Chyurgicum & Pharmaceuticum*. Amsterdam. 1711.
- 12 – Carvalho AS. História da Estomatologia. Dentes Dentistas e Odontólogos. 1936. *Rev Por de Est* , nº 5, 229-242.
- 13 – Cruet M. *La stomatologie, son object, ses rapports*. XV Congrès Internationale de Medecine. Lisbonne. Imprimerie Adolpho de Mendonça. 1906:301:309.
- 14 – Fernandes MG., Carvalho MS.,Caroça MM.,Thiago Marques MM.,Mello A., Rodrigues MC. *XV Congrès International de Medecine*. Lisbonne. Section XII. Rhino- Laryngologie. Otologie – Stomatologie. 1906 :293 – 442.
- 15 – Carvalho JAB. Um diploma,... a sua história. *Rev Port de Est e Cir Maxilofac*. Vol XXVIII, Out – Dez, 1986 : 551 – 582.